



## A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS: UM JOGO ENTRE DUAS MEMÓRIAS

**Jozilaine de Oliveira**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista do CNPq  
jozilaine@uffs.edu.br

### 1. Introdução

Neste trabalho, propomos pensar a leitura literária como um jogo entre duas memórias: uma que se deixa convocar, buscada de forma consciente, e outra que irrompe de surpresa. O que se busca é delinear uma forma de leitura em que o sentido emerge da oscilação entre aquilo que se recorda intencionalmente e o que, de modo involuntário, retorna no contato com o ato de ler.

A reflexão que levantamos aqui, parte de uma inquietação: por que determinados textos parecem nos movimentar entre o presente de leitura e o passado? O pressuposto que orienta a pesquisa é o ato de ler que mobiliza mais do que habilidades linguísticas, trata-se de um modo de ler que convoca a memória.

Temos como base a concepção de leitura como relação, conforme propõe Daniel Link (2002), ao afirmar que ela se estabelece como correlação entre séries de sentido do texto e do leitor. Buscamos observar como esse entrelaçamento se dá, particularmente, na obra *Ana Z., aonde vai você?*, de Marina Colasanti.

Partimos da narrativa anteriormente citada pois, após a leitura do enredo, percebemos que a tessitura narrativa apresentava-se como um espaço propício para esta investigação, já que o enredo é permeado por referências que oscilam entre menções diretas e outras mais discretas a outras narrativas, ditados populares e figuras literárias.

Na obra, a personagem Ana desce ao fundo de um poço com um único objetivo: recolher as contas de seu colar, que se espalharam após o colar se romper enquanto a menina se apoiava na borda. Mas o que era para ser apenas um descida rápida se converte em uma aventura por diferentes cenários e paisagens. E, ao longo dessa travessia, o leitor é convidado a reconhecer ecos de outras leituras, sendo levado a um tempo que já passou. Em alguns momentos, as relações são explícitas; em outros são quase intangíveis, mas, em todos os casos, dependentes do repertório de quem lê.



Neste estudo, nosso olhar se volta a essas manifestações da memória na experiência de leitura. Para além da obra central, voltamo-nos a outras narrativas de Colasanti, numa tentativa de identificar se essa leitura evocativa, que movimenta a memória, é um traço recorrente na escrita da autora.

Destacamos que nosso objetivo não é estabelecer um modelo de leitura, mas propor um caminho plausível para compreender como, no encontro entre o texto e o leitor, nasce uma lembrança e, com ela, um sentido. Fazendo com que a leitura se torne um atravessamento de memórias que nem sempre sabemos que temos, mas que, ao serem convocadas, revelam a potência do texto literário de tocar até mesmo o que estava latente em nossa memória.

## 2. Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa, partimos da obra literária *Ana Z., aonde vai você?*, de Marina Colasanti. Após uma leitura crítica, com atenção voltada à forma como a narrativa se estrutura e aos efeitos que provoca durante o processo de leitura, buscamos dialogar com conceitos teóricos relacionados à memória voluntária e à involuntária, com o intuito de aprofundá-los e propor uma teoria de leitura. Destacamos, portanto, que a obra mencionada serve como ponto de partida, para ampliar a reflexão sobre um modo de leitura.

Na organização da pesquisa, selecionamos trechos nos quais se percebe a ativação de memórias, sejam elas ligadas ao reconhecimento de elementos culturais e literários (memória voluntária) ou surgidas de forma inesperada, por meio de impressões que se relacionam diretamente com a leitora (memória involuntária).

A partir desses trechos, desenvolveu-se uma análise interpretativa, considerando os sentidos que emergem da experiência de leitura. Salientamos que a análise realizada não se limita ao conteúdo do texto, mas leva em conta a relação que se estabelece entre o que é dito e o que é mobilizado no leitor. O texto é, assim, compreendido como um espaço de relação, um lugar em que se articulam o que vem do texto literário e o que vem da memória de quem lê.

Para embasar teoricamente nossa proposta, dialogamos com autores que discutem



leitura, memória e experiência. Por exemplo, Daniel Link (2002) propõe a leitura como relação entre duas séries de sentido: uma do texto, outra do leitor. Para pensar a memória, partimos de leituras de ensaios e obras de Walter Benjamin, que reflete sobre a memória e a experiência. Também utilizamos como aporte a obra de Marcel Proust, que contribui com a distinção entre memória voluntária e memória involuntária.

### 3. Resultados e discussão

Ao longo da leitura de *Ana Z., aonde vai você?*, fomos percebendo que, com recorrência, a memória era acionada. No contato com determinados trechos, a leitura era momentaneamente pausada, pois havia algo no texto que mobilizava a memória. Contudo, à medida que a leitura avançava, percebemos que, embora soubéssemos tratar-se da ativação da memória, nem sempre ela emergia da mesma forma. Assim sendo, tornou-se necessário distinguir as formas pelas quais a memória se manifestava.

Para isso, nos debruçamos sobre a obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust (2016), na qual o autor diferencia duas formas de memória. A partir da famosa cena das madeleines, o autor discorre sobre como o passado pode ser recuperado de modo involuntário, por meio do contato com um objeto. Na narrativa proustiana, o que traz à tona a infância é o simples ato de molhar a madeleine no chá. Temos, então, a memória involuntária, que irrompe de forma não planejada, despertada por sensações, palavras, imagens ou cheiros que, de forma inesperada, reconduzem o sujeito a uma vivência anterior, muitas vezes esquecida. O autor a distingue da memória voluntária, aquela acessada intencionalmente, quando o sujeito busca, conscientemente, recordar um fato, uma imagem ou uma experiência. Trata-se de uma lembrança associada ao esforço de evocação.

Chegamos a Proust por meio de Walter Benjamin. O autor utiliza uma imagem que funciona como perfeita analogia: o relampejo. O passado surge como um relampejo iluminando o céu do presente: “A verdadeira imagem do passado passa voando. O passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade” (Benjamin, 2012, p. 243).



Benjamin retoma a distinção entre as formas de manifestação da memória no ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”, ao afirmar que a memória involuntária tem uma força afetiva mais intensa e está ligada à experiência. Segundo o autor a experiência se manifesta por meio de “dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória” (Benjamin, 1989, p. 105). Em contrapartida, memória voluntária estaria relacionada a algo organizado e sistemático, que pode ser recuperado intencionalmente.

Com base nisso, entendemos que, na leitura de *Ana Z., aonde vai você?*, observam-se manifestações de ambas as formas de memória. Para ilustrar essa distinção, apresentamos trechos da narrativa nos quais a memória aflora. Um exemplo de memória voluntária ocorre quando o texto evoca estruturas narrativas familiares ao leitor, como no trecho: “E o menino da história de Ana vem a ser aquele mesmo que, em outra história bem mais antiga, planta um grão de feijão e quando o pé nasce sobe por ele até as nuvens.” (Colasanti, 2007, p. 39). Embora não haja uma menção direta, é possível recuperar a memória de *João e o pé de feijão*. Em outro trecho, a referência é explícita: “Estávamos no ponto em que o lobo vai engolir a vovó de Chapeuzinho.” (COLASANTI, 2007, p. 36). Mas, em ambos os casos, há a recuperação de uma memória de leitura

Já a memória involuntária se manifesta em passagens em que o leitor é levado ao passado de forma imprevista e não intencional. Essa forma de manifestação está intrinsecamente relacionada com o leitor e é particular em cada indivíduo. Ou seja, enquanto a memória voluntária presume um saber compartilhado, isto é, uma memória que possivelmente poderá ser recuperada por distintos leitores, a involuntária não se repete. Não se trata de reconhecer algo que já se sabe, mas de ser atravessado por algo que retorna de forma inesperada, que ressurge durante a leitura. Um exemplo dessa manifestação da memória durante a narrativa de Colasanti encontra-se no seguinte trecho: “Como seca um rio, secou a memória de Ana. E, por mais que se esforce, não encontra dentro de si nem mais uma história para contar” (Colasanti, 2007, p. 40). De forma abrupta, e sem que pudesse controlar, fui levada à outra narrativa cujo personagem também teve problemas com o curso natural da memória de histórias: *Haroun e o mar de histórias*, livro escrito por Salman Rushdie.

Saindo de *Ana Z., aonde vai você?*, percorremos outras obras de Marina Colasanti e nos deparamos com trechos em que a memória do leitor é convocada. Trazemos como





exemplo o conto “Sete anos e mais sete”, da coletânea *Uma ideia toda azul*. No trecho: “O rei então chamou a fada, madrinha da princesa. Pensaram, pensaram, e chegaram à conclusão de que o jeito melhor era botar a moça para dormir. Quem sabe, no sono sonhava com outro e se esquecia dele” (Colasanti, 2015, p. 31), o leitor, a depender de seu repertório de leitura, pode ser levado a outro conto cuja personagem se tornou famosa por sua longa dormência.

Em alguns momentos, torna-se difícil diferenciar se a memória que se manifesta é voluntária ou involuntária. Um exemplo está no trecho: “E mais ainda inquietava-se ao sentir crescer dentro de si um sentimento novo, diferente de todos, devoção mais funda por aquele amigo do que a que um homem sente por um homem” (Colasanti, 2015, p. 101). Rapidamente, a memória de uma obra muito conhecida na literatura brasileira emerge: em *Grande Sertão: Veredas*, o personagem Riobaldo também se vê diante da inquietação provocada pelo sentimento que nutre pelo companheiro de andanças, Diadorim.

O que pretendemos mostrar com os exemplos acima é que a escrita de Marina Colasanti parece favorecer o afloramento da memória. Constantemente, o leitor é convidado a se deslocar entre passado e presente, entre reconhecimento e reminiscência. Acreditamos que este pode ser um modo de leitura. Muitos leitores podem se perceber sobressaltados ao longo de uma narrativa, por momentos em que reconhecem o que sensivelmente se esconde nas linhas do enredo, o que se mostra de forma evidente, e aquilo que surge de modo inesperado, fazendo-os retornar a um momento do passado.

#### 4. Considerações finais

Neste trabalho, buscamos mostrar como a leitura de textos literários pode ser compreendida como um espaço de encontro entre duas memórias: a voluntária, que pode ser acessada de forma intencional, e a involuntária, que irrompe subitamente. Entendemos que, a partir da análise da obra *Ana Z., aonde vai você?* e de outras narrativas de Marina Colasanti, foi possível evidenciar como essas duas formas de memória se manifestam ao longo da leitura. Nesse movimento, ampliamos nossa compreensão sobre como a leitura pode ser uma experiência de reencontro com o passado.



A escrita de Colasanti, atravessada por ecos intertextuais, cria um ambiente propício para o afloramento dessas memórias. Estabelece-se, assim, uma relação entre texto e leitor em que os sentidos emergem a partir do que se lê, mas também do que já se viveu, sentiu ou, mesmo sem saber, guardou.

Mais do que propor um modelo de leitura, buscamos sugerir uma forma de pensar a leitura literária como experiência que mobiliza e resgata memórias. Compreendê-la como um jogo entre memórias permite reconhecer o papel ativo do leitor e a potência do texto literário em fazer emergir sentidos que dialogam com a experiência individual.

### Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história.** 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas de Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 103-149. v. 3.

COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas.** São Paulo: Global, 2015b.

LINK, Daniel. **Como se lê e outras intervenções críticas.** Chapecó: Argos, 2002.

COLASANTI, M. **Ana Z., aonde vai você?** São Paulo: Ática, 2007.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido.** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

RUSHDIE, Salman. **Haroun e o mar de histórias.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.